

APRENDER E DESAPRENDER COM O CINEMA NO HOSPITAL

LEARNING AND UNLEARNING WITH CINEMA AT THE HOSPITAL

Fernanda Omelczuk Walter, UFRJ, fernandaow@gmail.com

Resumo: Neste trabalho apresentamos os primeiros passos e principais fundamentos teóricos da iniciativa do Projeto de Pesquisa e Extensão CINEMA PARA APRENDER E DESAPRENDER (CINEAD) de viver a experiência do cinema e suas potências em um contexto hospitalar. O cinema não foi pensado para ‘ensinar’, porém acreditamos que é possível aprender muito com ele. Novas formas de olhar, sentir, vivenciar e criar o mundo são possíveis quando pensamos *o filme como a marca de um gesto de criação*, logo, uma arte. Espera-se encontrar com o cinema fora da escola outras naturezas de aprendizagem, outras conexões e sentidos, que possam contribuir para *o fazer* da educação com jeitos renovados de pensar a relação com a aprendizagem, com a arte e a vida. Observamos que o cinema entra no horário escolar de crianças hospitalizadas provocando práticas das próprias instituições escolares reproduzidas naquele espaço.

Palavras-Chave: cinema e educação; arte e educação; educação no hospital.

Abstract: In this text we present the firsts steps and main theoretic bases of the Research and Extension Project Initiative “CINEMA PARA APRENDER E DESAPRENDER” – (CINEAD) - CINEMA FOR LEARNING AND UNLEARNING of experience the cinema and its potentialities in a hospital environment. Cinema has not been built for teaching purposes, but we believe that is possible to learn a lot with it. News ways of facing, feeling, experience and creating the world are possible when we take the film as a sign of a creation gesture, so, an expression of art. Its expect with the cinema out of school other learning natures, connections and senses, that might contribute to education doing with news ways of thinking the relation with learning, art and life. We noticed when cinema occupies hospitalized children school time, it shows learning possibilities other than education institutions believe to be the only ones.

Keywords: cinema and education; art and education; education at the hospital.

Introdução: Observar as aprendizagens e experiências que vivenciamos em cada esquina e canto do mundo nos ajuda a recordar que a educação não é exclusividade da instituição escolar. Fora dos muros da escola, a aprendizagem ocorre o tempo todo, na maioria das vezes por outras vias, menos formais, menos diretas e menos específicas, mas nem por isso de menor impacto psíquico, sensível ou cognitivo ou menos importante ou significativa. Conhecer múltiplas oportunidades de aprendizagens e vivências do mundo pode inclusive nos ajudar a voltar pra escola com outros olhares sobre a forma como ensinamos e aprendemos. Neste trabalho, somos levados ao mundo pelas mãos do cinema e escolhemos a enfermaria infantil de um hospital universitário como uma primeira experiência de adentrar o universo ilimitado de aprendizagens que o mundo oferece.

Por que o Cinema? Por que o Hospital? O cinema não foi pensado para “ensinar”, porém acreditamos que é possível aprender muito com ele. Não no sentido do filme como um objeto, como instrumento ou suporte pedagógico para transmitir um saber e conteúdo. Entendemos que novas formas de olhar, perceber, sentir, vivenciar e criar o

mundo são possíveis quando pensamos *o filme como a marca de um gesto de criação*, logo, uma arte (BERGALA, 2008, p.34). No final do ano 2000 o professor e crítico de cinema Alain Bergala liderou um audacioso projeto de introdução da arte cinematográfica nas escolas públicas francesas defendendo uma vivência do mundo do cinema pelos bastidores, pelo que não se vende ou se compra no circuito comercial. Sua proposta era aprender a olhar com olhos de artista, com o desejo e o envolvimento de um cineasta. Sentindo, como espectador, as emoções, as dúvidas e decisões que fazem parte do processo de criação de um filme. Com essa abordagem, as imagens do cinema revelam seu caráter inventivo e desestabilizam nossa compreensão rígida de uma suposta realidade, sugerindo infinitos modos de ver e viver o mundo. Nessa perspectiva, o cinema como *possibilidade de invenção de mundos é o fim em si*, sintetiza Migliorin (2011, p.134). É com esse potencial ‘perturbador’ que o cinema pode sair da exclusividade das salas de cinema e adentrar outros espaços. Ele é um estranho, alguém de fora, um estrangeiro, que não se encaixa no que a escola julga conhecimento seguro do mundo, e por isso rompe com o instituído. Com o objetivo de aprender e desaprender com o cinema, junto de professores e alunos dentro e fora do espaço escolar nasce em 2006 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Projeto de pesquisa e extensão CINEMA PARA APRENDER E DESAPRENDER (CINEAD). O projeto se propõe visualizar, fazer análises críticas e criativas dos filmes e inicialmente pesquisar a experiência de fazer cinema dentro do espaço escolar. Neste trabalho apresentamos os primeiros passos da iniciativa do CINEAD de viver a experiência do cinema e suas potências em um contexto hospitalar. A idéia de desenvolver um projeto para ver e fazer cinema em uma enfermaria pediátrica nasce porque compartilhamos com Fontes (2005) que crianças internadas possuem intensa atividade emocional, movimento e curiosidade. Segundo a autora, a educação de crianças em hospitais caminha entre duas concepções: uma defende a escolarização dos internos nos mesmo moldes do ensino formal a fim de diminuir o fracasso e a evasão escolar; a outra entende que uma prática própria deve ser pensada para este contexto, cujos conhecimentos com maior contribuição para o bem estar físico, psíquico e emocional da criança não se encontram em um currículo escolar padrão. Nosso projeto apóia-se na possibilidade de promover uma pedagogia da própria imagem, ao invés de uma pedagogia com imagens, permitindo as crianças da enfermaria hospitalar vivenciarem a experiência do sensível proporcionada pelas obras (LEANDRO, 2010). E de qual cinema estamos falando? No livro *A Hipótese-Cinema*, onde Bergala descreve os fundamentos de sua experiência e proposta francesa, encontramos algumas pistas, umas mais explícitas, outras nem tanto, sobre qual seria este cinema. “Bons filmes” são descritos como aqueles cujas idéias não são digeridas facilmente, mas se encontram um tempo à frente do que somos capazes de compreender; em “bons filmes” o diretor não transmite algo que já sabe, mas busca, pensa e descobre no processo de fazer o filme; “bons filmes” tem uma atemporalidade, uma incompletude, tratam de ‘pequenos temas’ que se tornam grandiosos, falando do íntimo e pessoal em nossa humanidade. Na seleção do que exibir para as crianças das enfermarias nos inspiramos em algumas destas definições e no potencial poético das obras cinematográficas. Buscamos filmes que desafiem o excesso de estímulos, a velocidade e a lógica previsível e condicionante do olhar nas narrativas clássicas e acessíveis no circuito comercial. Temos também uma atenção especial em compartilhar com as crianças produções do cinema brasileiro, que impulsiona nossa investigação e familiarização com a produção nacional, ajudando a romper com sua naturalizada desvalorização. A experiência de outros ritmos, a presença mais presente do silêncio, planos longos que seduzem o telespectador a esperar as imagens surgirem na tela se chocam com o imediatismo cinematográfico e pedagógico

ao qual estamos acostumados. O olhar automatizado e utilitário do mundo - e muitas vezes das aprendizagens formais - é provocado pela sensibilidade de pequenos gestos que desfamiliarizam nossa percepção do cotidiano. Podemos assim, desaprender com o cinema conceitos enrijecidos sobre o mundo, sobre a vida, sobre os outros e sobre nós mesmos. Podemos aprender com o cinema a ver o que não se via, a pensar o que nunca se havia pensado e a impregnar a vida rotineira com poesia (FRESQUET, 2007). O ensino escolar clássico tem um compromisso com a 'verdade'. Uma verdade socialmente construída e compartilhada historicamente pelos homens. É objetivo dessa educação 'instrumentalizar' o sujeito com esses conhecimentos, para que ele possa participar da vida social com inteireza e em critério de igualdade com todos os demais. O cinema, ao contrário, não tem compromisso com a verdade, mas com a invenção. O cinema permite que o sujeito encontre, crie e viva a *sua* verdade; legitimando-o em sua autenticidade em meio a tantos outros seres sociais. Nas palavras de Migliorin (2011, p.132), *o que talvez o cinema tenha para ensinar seja a sua essencial ignorância sobre o mundo, ponto exato em que criação e pensamento se conectam.*

Conclusão: O trabalho possui, portanto, duas forças. Primeiramente o cinema entra no horário escolar de crianças hospitalizadas se mostrando como uma alternativa às práticas hospitalares escolarizantes e formais, provocando assim práticas das próprias instituições escolares reproduzidas naquele espaço. Dessa forma investiga o potencial pedagógico da arte de ver e fazer cinema. Além disso, busca encontrar fora da escola – neste caso em um hospital – outras naturezas e formas de aprendizagem, outros caminhos, outros desafios, outras conexões e sentidos, que possam contribuir para o fazer da educação com jeitos renovados de pensar a relação com a aprendizagem, com a arte e a vida.

Referências Bibliográficas:

BERGALA, A. **A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

FONTES, R. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital.** Revista Brasileira de Educação, n. 29, Maio/jun/Ago, 2005.

FRESQUET, A. (Org.) **Aprender com experiências do Cinema: Desaprender com imagens da educação.** Booklink: CINEAD, LISE/FE – UFRJ, 2009.

_____. **Imagens do Desaprender: uma experiência de aprender com o cinema.** Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD, LISE/FE – UFRJ, 2007.

LEANDRO, A. **Posfácio- Uma questão de ponto de vista.** Revista Contemporânea de Educação, vol 5, n.10, Jul/Dez, 2010.

MIGLIORIN, C. **Cinema e Escola, sob o risco da democracia.** Revista Contemporânea de Educação, vol 5.n.9. Jul/Dez, 2010.